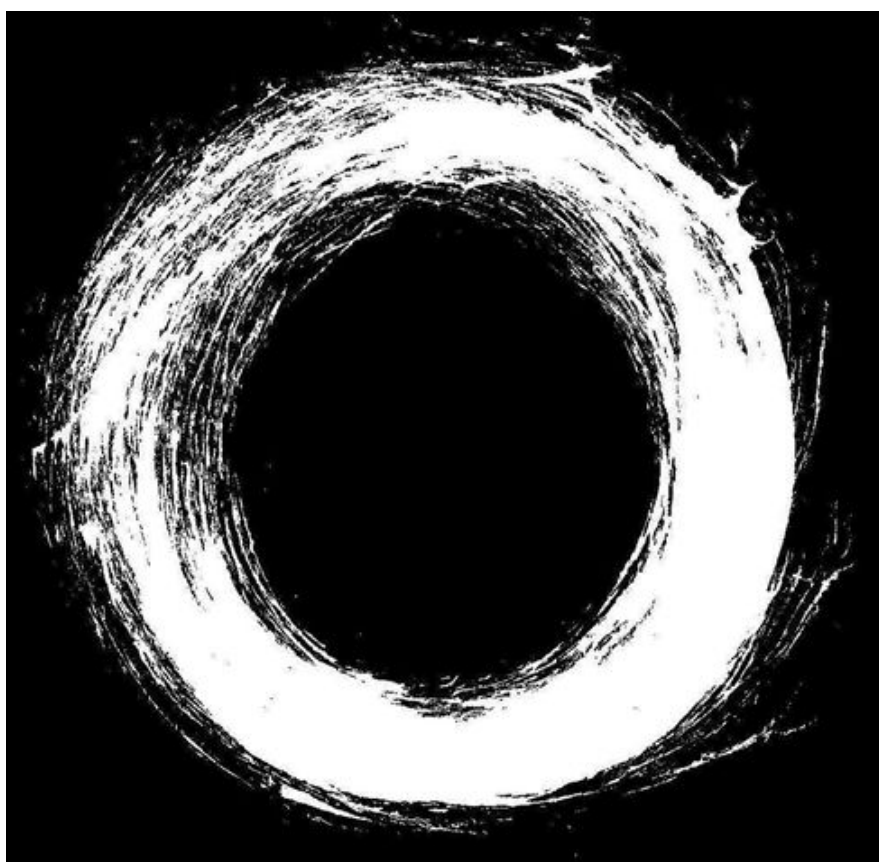




Vicente Franz Cecimⁱ

Viagem a Andara oO livro invisível

Fonte dos que dormem - Poemas



Asa adormecendo

então virá a que nasce
para ocultar a Penumbra de um segredo E nada sabes dela,

e nem de ti saberás

Centro Escuro de Estrelas, a Omoplata das Virtudes foi partida

Silêncio
de Lábios Belos que não dirão o Nome

Quanta Presença

no que foi lançado
para residir

na Fenda

Para a Vida que dorme

É preciso não ter medo de não ter medo,
as Coisas adormecidas são mais belas

sob as pontes desertas os Oceanos dormem
e a Semente do Desgosto
não leva à outra margem

Agora, para onde ir?

Já não suspeita do seu rosto nos espelhos a Criança que viu em
sonhos seus cabelos brancos

Todos os olhos fechados celebram o limo das Auroras

se o Adormecido um dia vem à tona

Suspeita de ti
o Outro

que em Ti
ainda é Semente

Lagos serenos te prometem Assombros

Ouve

o Silêncio

sob a Estrela de Silêncio

pois tendo Eles vindo,

com Suas Presenças de Ausência em Breve,

para a Fenda que não cicatriza entre Pedra e Musgo
para os Gestos humanos na Penumbra,

eu os chamei Pai e Mãe
Mai e Pãe pudesse ter Chamado,
pois seus Nomes nunca saberei,

na Fenda que não cicatriza,
nos Gestos, na Penumbra

Fontes se dando às sedes de Outras Fontes

Pois somos os que um dia vêm com dia marcado para voltar em nossas Frontes,

em bandos em bandos nos Musgos nos Musgos
Inclinados pelas Auroras

Indo

atender às Sombras nos Crepúsculos

E tu buscas a Semente, e o Dom de voltar para casa, e por onde passas, por toda parte perguntas

- Onde moram os Espelhos da Carne?

Rubro sentimento lento

desamparado
fora do Mistério

na Catedral rompida

como se fosse um homem, e crendo Nisso

Cálice de Vestígios,
sede do Lábio dos Regressos

Das Auroras ao Crepúsculo do Imerso, na penumbra dos Dias

aguarda Margem que desperta,
oO que de Si adormece

parecem homens

Cortaram árvores para ter onde sentar

E agora,
da areia olham as Águas até o horizonte

Querem ver o que há depois da última estrela
Sentem o roçar de mãos Antigas se desfazendo

parecem tristes

Estão aí
Calados Cada um ouvindo

em Si

sua Concha de Silêncio,

sua Areia dos Rumores

Sentem a Falta de alguma coisa,
já não lembram o que é

E eu te digo

Não se trata
de ir Além do humano

oO Caminho cintila no inverso

vir

Aquém do humano,
regressar ao umano

E, assim,
ao Um,

ao Umano

se um Vento parte o Vaso da voz

adormecido agora

águas escuras

alguém alvura amizade das coisas

animal anjo Aquilo

areia árvore asas aves

beber

no Bosque das paixões Bosque sem paixões brancas brisas caminho a carne casinha de terra centeio
negro o céu

Chamas cílios cinzas de Serdespanto

As coisas pelas coisas os dias Compaixão Corpo crianças

daquele despertar

Diz-se dorsos lisos

escreve Esfera espanto estranho mundo Fábula

Falar sem boca floresta Andara fontes frutos fundo gaiola grão homem de pó homem sem ternura
homens imensos

inclina inseto intuição

irmã irmã-ave de Serdespanto canta lábios lágrimas leve livro invisível lua sangrando

madeira mãe de Serdespanto

montanhas murmuram

nascido negro negra nela ninguém ninho nome

osso Pai ossos Ouçam

ouvindo palavras pântano pranto passando
perguntas pousar no leite real saber sangue das estrelas seiva semente serpente silêncio sombra
sonho

tinta Invisível

tocam tûmulo Vento e passagem vindo viram vivendo
voltassem

ⁱ **Vicente Franz Cecim** nasceu e vive na Amazônia. Escreve o ciclo de ficções e poemas *Viagem a Andara oO livro invisível* (1979/2016), Grande Prêmio da Crítica 1988 da APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte. *Fonte dos que dormem* (Editora Córrego, São Paulo, 2015) é o seu livro mais recente. e-mail vicentefranzcecim@gmail.com